



## **ESTRUTURA FAMILIAR: UMA ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA SAÚDE MENTAL <sup>1</sup>**

**Juliana Fabris<sup>2</sup>, Silvana Teresa Neitzke Wollmann<sup>3</sup>, Fabiane Debastiani<sup>4</sup>, Leila Mariza Hildebrandt<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Reflexões construídas na disciplina de Atenção à Saúde nos Ciclos de Vida, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ruralidade (PPGSR), vinculado a Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões/RS.

<sup>2</sup> Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ruralidade (PPGSR), Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões/RS. E-mail: juliifabris@hotmail.com

<sup>3</sup> Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ruralidade (PPGSR), Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões/RS.

<sup>4</sup> Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ruralidade (PPGSR), Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões/RS.

<sup>5</sup> Enfermeira. Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ruralidade (PPGSR), Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões/RS. E-mail: leilahildebrandt@yahoo.com.br

### **RESUMO**

**Introdução:** A relação e o contexto familiar influenciam diretamente ou indiretamente aos indivíduos que o vivenciam em cada fase da vida. **Objetivos:** Refletir sobre a influência da estrutura familiar para a saúde mental do indivíduo em todas as suas fases de desenvolvimento. **Método:** Relato de experiência construído através do texto reflexivo construído e apresentado na disciplina de Atenção à Saúde nos Ciclos de Vida. **Resultados:** Observa-se que a relação familiar tem grande impacto e influência na construção dos indivíduos. **Discussões:** As presentes reflexões deste texto e complementações da literatura científica evidenciaram que a saúde mental e contexto familiar influenciam diretamente no desenvolvimento e comportamento dos indivíduos em todas as fases do ciclo de vida, sendo que essas influências podem ocorrer de forma positiva ou negativa. **Conclusões:** Esta construção favoreceu a pesquisa e reflexão frente a estrutura familiar e a saúde mental dos indivíduos no decorrer dos ciclos da vida.

### **INTRODUÇÃO**

A relação e o contexto familiar influenciam diretamente e indiretamente os indivíduos que o vivenciam, isso pois a família e os arranjos familiares atuam como uma ferramenta de desenvolvimento individual e relacional com outras pessoas ou a sociedade, agregando valores e princípios da conjuntura familiar que este indivíduo está inserido (SOUZA; BAPTISTA; BAPTISTA, 2010). Porém, cabe considerar que o impacto dessa vivência é diferencial em cada fase da vida.



A família pode ser reconhecida como o primeiro espaço social que o indivíduo ocupa e é neste espaço que, geralmente, aprende a comunicar-se, compartilhar vivências e espaços afetivos, além de construir vínculos (BERTOLOTE; ROCHA; ASEVEDO; ESTANISLAU; MADRUGA, 2020). Neste sentido, principalmente nos primeiros anos de vida, compreende-se que o contexto familiar pode auxiliar de forma positiva no desenvolvimento do indivíduo enquanto ser social, mas somente se oferecer espaços de suporte favoráveis para isso.

Também, as relações familiares podem desempenhar o suporte e acolhimento necessário para a manutenção da saúde mental e o sentimento de pertencimento em todo ciclo de vida (COUTINHO *et. al*, 2020; ROSSI; CID, 2019). Assim, a família assume o papel de elemento fundamental para auxiliar no processo de formação e transformação do indivíduo, independente da configuração estrutural que assuma, bem como na contribuição da formação de um sujeito socialmente ativo.

Neste contexto a revisão de literatura proposta por Silva e Comin (2019) aponta o processo de adoecimento familiar de forma transgeracional, ou seja, quando um membro familiar se encontra adoecido ou passa por alguma situação estressora como violência, ansiedade ou dependência, dentre outras, e essas situações de doença e agravos quando não são trabalhadas, observa-se uma repetição no processo de adoecimento entre as gerações. E assim, destaca-se a importância de reconhecer o processo de adoecimento familiar, com vistas na promoção, recuperação e manutenção da saúde, de forma que este não seja compartilhado pelos membros da família e impactando de forma negativa no processo de desenvolvimento individual.

Assim, considerando o exposto, este trabalho tem por objetivo: Refletir sobre a influência da estrutura familiar para a saúde mental do indivíduo em todas as suas fases de desenvolvimento.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho é um relato de experiência reflexiva, resultado de um texto construído e apresentado na disciplina de Atenção à Saúde nos Ciclos de Vida. Esta disciplina está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ruralidade (PPGSR), nível de mestrado, da



Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Palmeira das Missões/RS. A referida disciplina, propôs no segundo semestre de 2022, a elaboração de um texto reflexivo relacionando a temática de pesquisa do mestrando, autor principal desta obra.

A temática da pesquisa é “a percepção acerca da saúde mental de mulheres”, a qual foi adaptada para este trabalho para a influência da estrutura familiar para a saúde mental do indivíduo em todas as suas fases de desenvolvimento. Por tratar-se de um relato de experiência e texto reflexivo, o mesmo não apresenta necessidade de apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

## **RESULTADOS**

Ao refletir sobre os diferentes ciclos de vida, ao qual o indivíduo (naturalmente) passa, observa-se o importante papel da construção do ser individual e coletivo através das relações vivenciadas dentro do núcleo familiar. Porém, ainda vale destacar que nem sempre essas relações são fáceis, benéficas ou estáveis, visto que nossas famílias (muitas vezes) reproduzem os conhecimentos e experiências do passado, enquanto a criação/formação de um indivíduo, tornando-se um desafio adaptar-se às mudanças impostas pela evolução da sociedade que estamos inseridas.

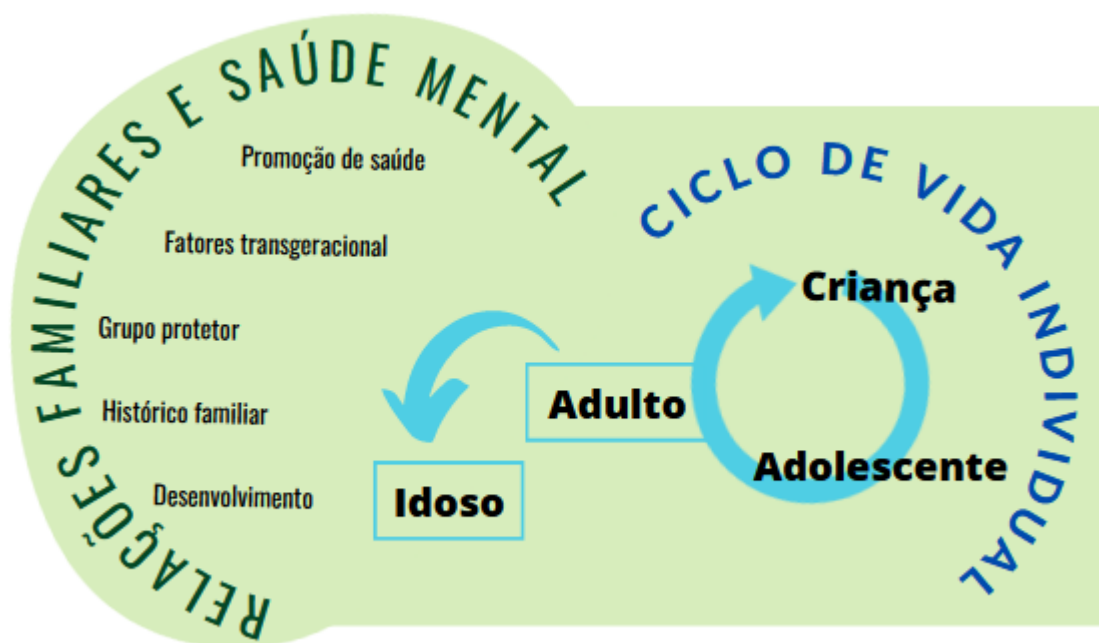
Entretanto, percebe-se que a presença do nascimento de um novo indivíduo na família e os estímulos ao recém-nascido, por muitas vezes ocorre no ambiente familiar, logo, este ser em formação, consegue identificar os demais indivíduos ou membros da família que dividem o mesmo espaço habitado. Assim, o desenvolvimento da criança pode ser potencializado ou retardado, a depender das vivências, estrutura familiar, condições de vulnerabilidades e das relações familiares estabelecidas neste período.

Ao considerar as relações familiares com um indivíduo recém-nascido, precisa-se considerar o olhar de dois referências: (1) a influência/impacto na criança frente as relações familiares que o mesmo vivência e (2) o impacto no adulto, pois este torna-se responsável por proporcionar um ambiente saudável ao recém-nascido, de forma a contribuir no seu desenvolvimento. Esta reflexão, resultou na elaboração da Figura 1, a qual busca destacar a



forma cíclica do ciclo humano quando considerado as relações familiares e possível reprodução da mesma.

**Figura 1:** Relações familiares, saúde mental e o ciclo de vida individual



Fonte: Elaborada pelas autoras a partir das leituras e reflexões.

Conforme demonstra a Figura 1, o desenvolvimento do indivíduo pode sofrer a influência de dois ciclos: As relações familiares e o ciclo de vida individual. Cabe destacar, que as conexões entre essas duas estruturas se fazem presente em todo o desenvolvimento do indivíduo, visto que este vivencia a fase de criança, adolescente, adulto e idoso (conforme representado na cor azul), mas também na fase adulta, por meio da gestação, inicia-se um novo ciclo individual, onde o adulto influencia no desenvolvimento deste novo ser e é influenciado por ele.

Neste contexto, precisa-se, também, considerar a participação deste ciclo individual no contexto familiar, de forma a contribuir positivamente (ou não) nas relações interpessoais deste núcleo, o que acarreta impacto e implicações no desenvolvimento da saúde mental. Essa



estrutura está demonstrada na imagem através das palavras: promoção de saúde, fatores transgeracionais, grupo protetor, histórico familiar e desenvolvimento.

Logo, entende-se, assim, que o ambiente no qual o indivíduo está inserido (independente da sua fase no ciclo de vida) trará repercussões para todas as etapas posteriores de vivências, sejam elas positivas ou negativas. Desta forma, ao considerar que o ambiente familiar pode atuar como fator protetor ao adoecimento ou compartilhar vulnerabilidades que maximizam e aceleram o processo de adoecer, com a presença de situações consideradas aceitáveis ou normalizadas devido a repetição dos ciclos entre as gerações, se faz necessário ampliar o olhar frente à promoção, prevenção e recuperação da saúde nesse contexto.

Ademais, os profissionais e serviços de saúde precisam atentar-se para os contextos familiares que influenciam direta e indiretamente no processo de saúde e adoecimento no âmbito de saúde mental, despontando estas percepções em todas as fases dos ciclos vitais.

## **DISCUSSÃO**

A ciência mostra que os bebês são seres previsíveis e com individualidade, capazes de adaptar-se e de interagir com os adultos, o que influencia diretamente no seu desenvolvimento cerebral e na regulação das suas emoções. Pesquisas descrevem, com fortes evidências, a neuroplasticidade cerebral dos bebês, ou seja, a capacidade do cérebro em moldar-se de acordo com as experiências (EIZIRIK; BASSOLS, 2013). Entende-se, assim, que o ambiente no qual o bebê e, posteriormente, criança, está inserido, trará repercussões para todas as etapas da sua vida.

No que tange ao contexto familiar, este deve estar estruturado de maneira protetora à saúde mental da criança, garantindo espaço acolhedor, com suporte afetivo e favorável às relações saudáveis entre seus membros, cabendo-lhe proporcionar um ambiente promotor da saúde mental infantil (CRUVINEL; BORUCHOVITCH, 2009). Assim a família tem papel de protagonista na saúde mental das crianças, através do desenvolvimento de fatores de proteção e redução de riscos (BERTOLOTE; ROCHA; ASEVEDO; ESTANISLAU; MADRUGA, 2020).



Ainda, o estudo de Leusin, Petrucci e Borsa (2018) destaca que, durante a infância um clima familiar com questões conflitantes e de hierarquia correlacionaram-se com problemas emocionais e comportamentais nas crianças, enquanto o ambiente constituído pela harmonia e apoio entre os membros demonstrou estar associado a diversos desfechos evolutivos positivos, como, por exemplo, melhor interação social e competências acadêmicas.

Dito isto, considera-se a família como elemento fundamental para auxiliar no processo de formação do indivíduo, independente da configuração estrutural que assuma, em especial no decorrer da infância. Burgos *et al.* (2017) trazem que as mudanças de conceito de “família” e os novos arranjos familiares reconhecidos atualmente (nuclear, extensa, associativa, entre outras) não alteram a relevância desta para o desenvolvimento adequado dos seus membros.

Vale destacar, que o entendimento das relações familiares é complexo e mutável, que sofrem influência de aspectos culturais, sociais, étnicos, logo, é imprescindível compreender que a forma de atuação familiar ocorre de maneira individualizada em cada núcleo, porém as reflexões deste estudo demonstraram que as relações familiares sempre impactam de alguma forma o indivíduo.

No que se refere ao período da adolescência, o estudo realizado por Lima e colaboradores (2021), com jovens que tentaram o suicídio e suas famílias, demonstrou aspectos relevantes relacionados à estrutura familiar: baixo suporte familiar, pouco contato emocional com os pais e ambientes marcados por constantes atritos e desavenças estavam presentes em grande parte das famílias participantes. Sugere-se, neste contexto, que o suporte familiar pode ser encarado como fator protetor frente às vulnerabilidades, assim como o inverso tem potencial para aumentar a sensibilidade dos jovens frente a situações estressantes.

Nesta mesma linha, Corrêa e colaboradores (2020) relatam em seu estudo, realizado com 262 adolescentes, a conexão entre a justificativa do uso de substâncias ilícitas e o elemento familiar, citado pelos participantes como uma maneira de fugir da realidade, das dificuldades e dos sentimentos negativos, atrelados às questões familiares.

Esse mesmo estudo, aborda que uma família com vínculos fortalecidos entre seus membros, pode atuar como um fator de proteção a estes indivíduos; porém, quando os laços encontram-se fragilizados, há uma valorização na utilização de drogas de abuso ou que dificultem o desenvolvimento da autonomia do adolescente, essa família apresenta-se como um



fator de risco ao indivíduo (CORRÊA; SILVA; BOUSFIELD; GIACOMOZZI, 2020). Entretanto, quando o indivíduo desempenha um papel de responsabilidade (de acordo com sua idade) dentro no núcleo familiar, isso contribui no desenvolvimento da autoconfiança, autoestima, do sentimento de pertencimento e identidade/papel no grupo (BERTOLOTE; ROCHA; ASEVEDO; ESTANISLAU; MADRUGA, 2020). Neste contexto, observa-se o importante papel das relações familiares no desenvolvimento, impacto nas escolhas individuais e sentimento de pertencimento do adolescente.

Neste mesmo sentido, um estudo de 2010, ao abordar a relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco de universitários, identificou que o suporte familiar e a saúde mental quando conectadas contribuem no desenvolvimento saudável do indivíduo, além de atuar como um sistema protetor e minimizador no momento da crise (SOUZA; BAPTISTA; BAPTISTA, 2010). Assim, corroborando com a reflexão anterior, pode-se observar que o ambiente familiar fragilizado pode impactar negativamente quando busca-se criar um espaço de proteção ao indivíduo.

Ademais, um estudo de 2019, ao abordar a compreensão de familiares de adolescentes sobre as situações de crise e a busca de cuidados, demonstrou que a situação de crise pode favorecer a transformação do ciclo familiar, através de uma maior comunicação, sentimento de cuidado e fortalecimentos das relações familiares (ROSSI; CID, 2019). Neste sentido, compreende-se que o impacto das relações familiares auxilia no processo de recuperação da saúde e manejo do adoecimento de saúde mental e essa estratégia contribui na transformação do grupo em uma unidade de proteção individual e familiar.

Quanto aos indivíduos adultos, a saúde mental e sua relação com o sistema familiar podem ser analisadas sob a perspectiva de parentalidade, ou seja, quando os adultos se tornam pais e responsáveis por um subsistema, além de permanecer como integrantes de uma estrutura mais ampla, composta por seus pais, avós, tios, primos. Assim, aspectos como flexibilidade e estipulação de limites necessitam ser dialogados de maneira dinâmica entre os membros da família, com vistas a manter relações saudáveis em um contexto de transição e redefinição de papéis (TRALHÃO *et al.*, 2020). Neste período, onde geralmente, o adulto pode trabalhar as vivências familiares e auxilia no desenvolvimento de outro indivíduo (filhos, por exemplo) se faz necessário considerar o processo de adoecimento mental passado entre as gerações. O



cuidado de saúde mental familiar apresenta-se como importante para romper do ciclo familiar da narrativa do adoecer, ou seja, que o processo de adoecimento seja trabalhado e não compartilhado entre os membros da família e entre as gerações futuras, ao exemplo da violência, utilização de drogas lícitas e ilícitas, ansiedade e transtornos alimentares (SILVA; COMIN, 2019). Assim, observa-se o importante papel familiar e de seus membros no comportamento e adoecimento mental dos indivíduos.

Ao tratar-se de idosos, as relações familiares bem estruturadas (no sentido de um ambiente agradável e harmonioso) atrelam-se à melhor qualidade de vida destes, associando uma saúde psicológica mais otimista e a maior autonomia, colaborando para um envelhecimento saudável (PANTOJA; SOTO-LÓPEZ, 2018). Ao encontro disso, Coutinho e colaboradores (2020), ressaltam que o ambiente familiar pode tornar-se elemento facilitador ou protetor da saúde mental do idoso, dependendo da qualidade das relações estabelecidas entre eles, gerando benefícios como o sentimento de pertencimento e a diminuição da solidão.

Conforme Silva e Comin (2019), há evidências importantes acerca do papel familiar na replicação e perpetuação de costumes, crenças, valores e modo de vida que podem levar à processos de adoecimento ao longo das gerações, reconhecendo que a dinâmica familiar está intimamente ligada à saúde mental dos sujeitos. E assim, a família assume o papel de instituição social com grande potencialidade de promoção da saúde, individual e coletiva, visto que esta pode (re)pensar e implementar estratégias de cuidado e bem-estar (BERTOLOTE; ROCHA; ASEVEDO; ESTANISLAU; MADRUGA, 2020) a ser repassada entre as gerações.

## **CONCLUSÕES**

Revisitar as produções do presente texto e as reflexões obtidas através dele, favoreceram um momento para pesquisa e construção de conhecimento, vinculando a estrutura familiar e a saúde mental dos indivíduos no decorrer dos ciclos da vida, bem como, (re)significar experiências pessoais e profissionais no âmbito da saúde mental e contexto familiar. Deste modo, diversos estudos que abordam essa temática, compreende-se que as atribuições e responsabilidades do sistema familiar podem ser fatores relevantes e influenciadores à saúde





mental dos seus integrantes, tanto para a criação de um ambiente favorável ao pleno desenvolvimento destes, quanto para situações desfavoráveis e de adoecimento aos sujeitos.

Enquanto enfermeiras, as reflexões contribuíram a instigar o olhar frente às relações familiares na nossa atuação profissional, porém não somente na temática de saúde mental, mas sim ao considerar todo o processo de cuidado individual e coletivo, e a inserção e integração destes no contexto social, cultural e étnico. Destaca-se ainda, que as construções e reflexões frente a esta temática necessitam permanecer em um processo contínuo e reflexivo de aprendizagem, visto sua relevância nos âmbitos acadêmico e profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estágios do Ciclo de Vida; Relações Familiares; Saúde Mental; Enfermagem.

## **AGRADECIMENTOS**

Não será referido.

## **REFERÊNCIAS**

BERTOLETE, José Manoel; ROCHA, Viviane Paula Soares; ASEVEDO, Elson; ESTANISLAU, Gustavo; MADRUGA, Clarice. O papel da família na promoção da saúde mental. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020. 28 p. Observatório Nacional da Família. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/producoessnf/diagramacaoSNFfamiliaesaudentaldigital2.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

BURGOS, Graciela Verónica; NARVÁEZ, Nilda Natalia; BUSTAMANTE, Pamela Sabrina de las Mercedes; BURRONE, María Soledad; FERNÁNDEZ, Ruth; ABELDAÑO, Roberto Ariel. Family functioning and suicide attempts at a public hospital of Argentina. **Acta de Investigación Psicológica**, v. 7, n. 3, p. 2802-2810, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.aiprr.2017.11.009>. Acesso em: 28 nov. 2022.

CORRÊA, Ivana Lauffer; SILVA, Jean Paulo da; BOUSFIELD, Andréa Barbará da Silva; GIACOMOZZI, Andréia Isabel. Adolescência e drogas: representações sociais e atribuições de causalidade ao uso. **PSI UNISC**, v. 4, n. 2, p. 43-61, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v4i2.14941>. Acesso em: 28 nov. 2022.



COUTINHO, Juliana de Souza Lima; HENRIQUES, Bruno David; SALGADO, Patrícia de Oliveira; TOLEDO, Luana Vieira; DIAZ, Flávia Batista Barbosa de Sá. Compreensão da relação entre a saúde mental do idoso e seu ambiente familiar: uma revisão integrativa. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 10559-10572, jul./ago., 2020. ISSN 2595-6825. DOI: 10.34119/bjhrv3n4-270. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/15122/12471>. Acesso em: 29 nov. 2022.

CRUVINEL, Miriam; BORUCHOVITCH, Evely. Sintomas de Depressão Infantil e Ambiente Familiar. **Psicologia em Pesquisa**, v. 3, n. 01, p. 87-100, jan.-jun., 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v3n1/v3n1a08.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

EIZIRIK, Cláudio Laks; BASSOLS, Ana Margareth Siqueira. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 255 p.

LEUSIN, Joanna Ferreira; PETRUCCI, Giovanna Wanderley; BORSA, Juliane Callegaro. Clima familiar e os problemas emocionais e comportamentais na infância. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 49-61, 2018. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702018000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702018000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 nov. 2022.

PANTOJA, Claudia Troncoso; SOTO-LOPEZ, Nayadeth. Funcionalidad familiar, autovalencia y bienestar psicosocial de adultos mayores. **Horiz. Med.**, Lima, v. 18, n. 1, p. 23-28, jan. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.24265/horizmed.2018.v18n1.04>. Acesso em: 29 nov. 2022.

ROSSI, Livia Martins; CID, Maria Fernanda Barboza. Adolescências, saúde mental e crise: a história contada por familiares. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S.L.], v. 27, n. 4, p. 734-742, 2019. Editora Cubo. <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao1811>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/9SCGnqFbC3sBKLGDCzkqd5q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2023.

SILVA, Junia Denise Alves; COMIN, Fabio Scorsolini. As famílias podem (se) adoecer: revisão integrativa da literatura científica. **Vínculo - Revista do NESME**, v. 16, n. 2, 2019. DOI: 10.32467/issn.19982-1492v16n2p23-43. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=139462931003>. Acesso em: 29 nov. 2022.

SOUZA, Mayra Silva de; BAPTISTA, Adriana Said Daher; BAPTISTA, Makilim Nunes. Relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários. **Acta Colombiana de Psicología**, [s. l.], v. 1, n. 13, p. 143-154, 2010.

Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v13n1/v13n1a13.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.



**10º CONGRESSO  
INTERNACIONAL  
EM SAÚDE**  
CISaúde - 2023

**Empreendedorismo  
e Inovação**

+16 a 19 de maio de 2023

TRALHÃO, Filipa; ROSADO, Ana Filipa; GIL, Eduardo; AMENDOEIRA, José; FERREIRA, Regina; SILVA, Mário. Família como promotora da transição para a parentalidade. **Revista da UIIPS**, v. 8, n. 1, p. 17-30, 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/19874/15100>. Acesso em: 29 nov. 2022.